

Rádio esportivo: sempre transmitindo emoções!

ORLANDO DUARTE

As legendas das fotos, no final do texto, são de Mario Fanucchi.

ORLANDO DUARTE
é historiador do futebol,
comentarista esportivo de
rádio e TV e escritor.

Ari Barroso foi um grande compositor. Um dos melhores deste país, amava o futebol e foi locutor de rádio e TV. Quando havia um gol ele não gritava “Gol!”, tocava, ao invés disso, uma gaita para comemorar o feito. Quando era gol do Flamengo demorava mais para parar... O dr. Nicolau Tuma, que chegou a ministro de Tribunal de Contas, pode ser indicado como o primeiro locutor esportivo do rádio. Na década de 20, no aparecimento do veículo que já está com 80 anos, Tuma irradiava futebol com muita emoção e rapidez. Foi apelidado de “o espíquer metralha”. *Speaker* é uma palavra inglesa que, no Brasil, passou a ser “espíquer”...

Tivemos muitos “espíques esportivos” e bons. Gagliano Neto, em 1938, colocou o seu nome entre os autores de um grande feito radiofônico transmitindo, da França, os jogos do Brasil, no Campeonato Mundial de Futebol. Um sucesso, e quase que o Brasil rompe relações com a Itália, quando perdemos por 2 a 1, em Marselha, e Gagliano dizia que o árbitro nos prejudicava. Havia amor e ódio nesses momentos...

Os locutores esportivos, comentaristas e repórteres foram muito importantes nesses anos todos, desde Nicolau Tuma. Eles narraram emoções provocando-as mais ainda com o seu jeito especial de descrever os eventos. Nomes como Geraldo José de Almeida, Pedro Luiz, Aurélio Campos, Fiori Gigliotti, Jorge Amaral, Hélio Ansaldo, Raul Tabajara, Oduvaldo Cozzi, Valdir Amaral, Jorge Couri, Antônio Cordeiro, Murilo Antunes Alves, Edson Leite, Rebelo Júnior, Wilson Brasil, Haroldo Fernandes, Joseval Peixoto, Osmar Santos, Willy Gonzer, Braga Jr., José Silvério, Dirceu Maravilha e muitos outros fizeram escola. Aí está a nova safra, não deixando o bastão cair.

E os comentaristas? Flavio Iazzetti, Alvaro Paes Leme, Ari Silva, Blota Jr., Paulo Planet, Dalmo Pessoa, Claudio Carsughi, Mario Morais, Mauro Pinheiro, Luiz Mendes, José Jorge, João Saldanha, Rui Osterman, etc. E os repórteres de campo, sempre criativos e corajosos: Ciro José, Realli Jr., Geraldo Blota, Wanderley Nogueira, Fausto Silva, Lucas Neto, Cândido Garcia, Renato Silva, Flávio Adauto, Maltoni, Angelo Ananias ...

80 anos de rádio

O rádio sempre foi encantador. Os nossos maiores nomes vieram do interior e nem é necessário apresentar exemplos. No interior era mais fácil, nas emissoras locais, ter o aprendizado necessário para chegar à capital. Há gente que sempre quis ser locutor esportivo, como o Arthur Moreira Lima, um dos maiores pianistas do Brasil. Há gente, como o Boris Casoy, que chegou a trabalhar nisso. Nos estados, como em São Paulo, o caminho sempre foi o mesmo, do interior para a capital.

O rádio esportivo venceu todos os desafios a que foi submetido. Hoje, com os satélites, tudo é mais fácil, porém há alguns anos, sem eles, era um drama transmitir, mesmo em território brasileiro. Muitas transmissões eram verdadeiros “vôos cegos”: “Vai, conta até 10, e é com você...”. Depois do jogo é que se sabia como fora a transmissão. E no exterior? Aí o combate era de gigantes. Estive em Tóquio, em 1963, com Braga Jr. para a Bandeirantes. Transmitiríamos Eder Jofre x Aoki. O som ia até os Estados Unidos (Oklahoma e Nova York) e Rio e daí para São Paulo. Um drama. Geraldo José Almeida e Mario Moraes estavam pela Excelsior e o som deles não chegou... Mário ficou tão irritado que quis agredir, depois da luta, no Daichi Hotel, o Braga Jr., considerando-o culpado pela não chegada do som da Excelsior ao Brasil. Acontece que nós fomos para o local da luta muito cedo e o Braga ficou tentando um contato com Nova York e Rio. Consegui e recebi o aviso que só tinha duas linhas disponíveis. E a da Excelsior não chegou, apenas coincidência e má sorte. Dez anos depois, em 1973, pela Jovem Pan, voltei a Tóquio para a luta Miguel de Oliveira x Wajima. Já havia satélite. Usamos dois e eu ouvia, com o “delei”, é claro (“delei” é um retardo de retorno do som), o som da respiração do Nei Gonçalves Dias, nos estúdios, em São Paulo. Notaram o progresso? O mesmo progresso pode também fracassar. Estava, com Joseval Peixoto, em Valência, para um jogo do São Paulo com o Valência. No primeiro tempo tudo ótimo. Houve um problema no satélite e o segundo tempo não chegou. Outra vez, em 1965,

um dezembro, eu e Braga Jr. estávamos em Glasgow, na Escócia, para um jogo das eliminatórias do Mundial 66 – entre Escócia e Itália. A BBC nos dava assistência técnica e o homem encarregado dizia que estava “tudo limpo”, isto é, saindo com perfeição, informação de Londres, mas o nosso som ia até Nova York para chegar ao Brasil. Foi exatamente na noite de *black out* em Nova York. O som chegava, mas “morria ali mesmo”. Fizemos a transmissão, apesar dos esforços, nada chegou!

Os homens do rádio sofreram muito. Devemos a eles, contudo, a rapidez de suas informações e, claro, o drama que muitos conseguiram passar aos ouvintes.

Um dia, nos Estados Unidos, Orson Welles resolveu inventar uma invasão da terra por alienígenas. Era o fim do mundo e quase foi um fim do mundo mesmo, pois muita gente acreditou no que estava sendo dito. Aqui, uma vez, Geraldo José Almeida, que estava na Europa, com o São Paulo, resolveu “inventar” um jogo amistoso do tricolor em que ele perdia de goleada. Não havia TV e o rádio tinha total confiança. Antes que a coisa ficasse preta, pelo fanatismo de tricolores e adversários, o “inventor do jogo”, o Geraldo, disse que era 1º de abril, dia da mentira. Coisas do rádio...

Outra vez, em 1959, acompanhava uma excursão do São Paulo pela América do Sul e o tricolor jogaria em Guayaquil, no Equador. Estava novamente com o Braga Jr. e ele combinou comigo: “Vou para Lima, próxima escala do tricolor. Vou para a sede da All América e você transmite para a rádio do Equador, como você puder. Eu sintonizo lá em Lima e mando, pela All América, para a Jovem Pan”. Desdobrei-me e consegui um onda curta equatoriana para usar. Transmiti 90 minutos, com emoção, e saí feliz do estádio. O São Paulo F. C. ganhou e a transmissão saiu. Fomos para Lima, encontro-me com o Braga e pergunto: “Como foi a nossa transmissão?”. A sua, respondeu ele, foi ótima, a nossa não saiu... O Ravina, que era o técnico da All América em Lima, tomou uma bebida e não estava em condições de atender o Braga. Ele completava: “Morri de rir com a situação trágica...”. Era

mesmo difícil de entender...

O rádio esportivo teve momentos de heroísmo. O Brasil jogava na Argélia e “estourou” uma revolução. Havia uma grande dificuldade para sair de Argel. Muitos ficaram mais alguns dias! Fiori Gigliotti teve um cuidado especial de reservar avião (os vôos eram poucos) para Paris, também para o seu companheiro Mauro Pinheiro, e chegou a chamar um táxi para levá-lo ao aeroporto. Wilson Brasil poderia ter pego a carona. Não pegou e dizem que ele acusou sempre o Fiori por abandoná-lo... Verdade ou lenda? Transmiti, sentado na pista do El Campin, em Bogotá, em 1959, São Paulo x Millionarios. O roupeiro do São Paulo era o sr. Serrone, que tinha sido avisado de um grande número de batedores de carteira no estádio. Ele apontou para o bolso da calça e disse: “Daqui ninguém tira”. Pegou o saco dos uniformes, colocando-o à cabeça e, quando chegou ao vestiário, pôs a mão no bolso traseiro e a carteira tinha ido embora. Uma “vaquinha” resolveu o problema e Serrone aprendeu a lição.

Conseguimos, eu e Braga, uma primeira transmissão *duplex* na Europa. Estávamos em Florença, para um torneio com o Botafogo, Palmeiras e Fiorentina. O Santos jogaria em Roma, contra o Roma. O Braga disse-me: “Vamos tentar transmitir os dois jogos, você em Roma e eu aqui, em Florença”. Fui à telefônica com ele e não havia nenhum impasse técnico. Era 15 de julho de 1963. Peguei um trem para Roma, fui direto à RAI, havia um recado para seguir para o Estádio Olímpico, a assistência técnica estava garantida. Acontece que houve diferença entre um jogo e outro. Todos sabem que sou mais comentarista esportivo, além de transmitir, sim, pela TV, e algumas vezes pelo rádio. Sobrou-me para começar a transmissão, falando com o Braga, no ar, que dava informações do Torneio de Florença. Santos e Roma resolveram fazer gols à vontade. Fizeram 7, o placar foi 4 a 3 para o Santos e lá estava eu, esforçando-me para narrar todos os gols. Fiquei feliz quando o Braga Jr. chamou-me: “Vai começar aqui em Florença Palmeiras e Botafogo...”. Um alívio. A transmissão?

Um sucesso com telegramas da Bandeirantes, do Murilo Leite. Dessa fase registro com carinho esses primeiros momentos de transmissão de Bogotá, Tóquio, *duplex* de Florença, e muito mais.

Meu amor pelo rádio é antigo. Meu amor pelo rádio esportivo, da mesma época. Era criança e meu pai já acompanhava, em Rancharia, pelo seu Telefunken, os jogos e eu ficava emocionado com a emoção dele e de amigos, principalmente quando jogavam paulistas e cariocas. O rádio foi instituído no Brasil em 25 de setembro de 1922. Nasci em 1932, dez anos depois... Acompanhei pela Rádio Nacional (Rio) novelas, noticiários, programas musicais, humorísticos, embevecido. A primeira emissora, a que foi criada por Roquette-Pinto, no Rio de Janeiro, não chegava com suas ondas em Rancharia. E o *Repórter Esso*, o primeiro a dar as últimas..., um sucesso. A publicidade chegou ao rádio em 1932, antes era proibida.

A primeira vez que falei numa emissora em minha vida foi em Presidente Prudente, graças ao Mario Moraes, marido então de Virgina de Moraes e trabalhando na PRI-5, a “Voz do Sertão”. Jogavam Corinthians, de Presidente Prudente, e A. A. Ranchariense, de Rancharia. O Mario de Moraes é homônimo do brilhante comentarista Mario Moraes com quem trabalhei na Bandeirantes e homônimo também do repórter Mario Moraes, que trabalhava em *O Cruzeiro*. Três nomes bons do jornalismo.

Em Rancharia fui o primeiro a falar na ZYV-7, Rádio Difusora de Rancharia. Nem sonhava que falaria na Gazeta, na Jovem Pan, na Record, na Bandeirantes, na Piratininga, na América, na BBC de Londres (isso mesmo, não é erro, não! Já explico...), Rádio França Internacional (de Paris e também não é erro...), Voz da América, dos Estados Unidos (outra verdade!) e muitas outras...

Para a BBC, graças à indicação do amigo Lucio Mesquita, cobri mundiais de futebol e jogos olímpicos, em português, é claro. O mesmo aconteceu com a Rádio França Internacional. Amigos como Milton Blay, Eugênia Fernandes tornaram possível isso. Trigueirinho, Maria Emilia, Wagner, Adilson e outros, com os amigos.

Para a Voz da América transmiti, com Anibal Fonseca, o Torneio de Nova York. Depois houve um convite da Marilena, que era importante no escritório da Voz da América, em Nova York, e não aceitei. Para o meu lugar foi o Helio Costa...

Com o rádio esportivo conheci o mundo. Torneios de tênis, lutas de boxe, jogos olímpicos, mundiais de futebol, fórmula 1, etc. Na fórmula 1 há um episódio que não posso deixar de registrar. Foi em Monza, em 1972. A Jovem Pan transmitia a corrida, com o barão Wilson Fittipaldi. Se o Emerson, seu filho, vencesse, seria o campeão. Stewart quebrou na largada. A transmissão era um sucesso. Quando o “filho” Emerson passou, como campeão, o barão passou-me o microfone: “Vai Orlando, é com você...”. Abraçou-se à mulher e começou a chorar. Todos choravam e eu olhava a pista, narrava o que acontecia sem olhar para trás, para não chorar também...

Na Deutsche Welle transmiti um jogo: TSV 1860 Munique 4 x 5 Santos, em 13 de junho de 1967, na Alemanha. Estava ali com o Santos e convidaram-me para transmitir, em português, a partida. Nesse dia o jogador Zito, campeão do mundo em 1958 e 1962, grande “capitão” e muitos títulos do Santos, deu uma lição inesquecível, que fez o jornalista Oldemário Touguinhó, do *Jornal do Brasil*, chorar. É que o Santos estava vindo de uma viagem à África e em Riccione, na Itália, Zito ficou em má situação física. Febre alta, e a explicação só poderia ser dos “mosquitos africanos”. Zito passou a ficar fora do time. Nesse dia, contudo, o Santos perdia por 4 a 2 e o Zito, no intervalo, foi ao vestiário, pediu a camisa para jogar e todos ficaram espantados. Zito foi a campo, gritou, correu, liderou o time a uma vitória por 5 a 4, inesquecível! Contava tudo isso pelas ondas da DW. Grande momento meu e do rádio esportivo.

Durante muitos anos a “palavra que vinha do rádio” era lei e até perigosa. Muitos foram os repórteres, locutores e comentaristas que sofreram agressões e ameaças. Em todos os estádios e de todos os clubes. Sei o que experimentei em Taubaté, Piracicaba, Guaratinguetá, Sorocaba, Pa-



Foto 1

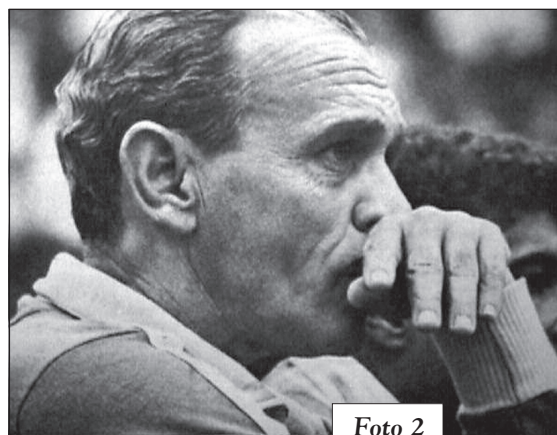


Foto 2

lestra Itália, Parque São Jorge, Mineirão, em resumo, sempre houve alguma coisa em todos os locais. Os “torcedores” debitavam aos “homens do rádio” as derrotas, os penais, os gols anulados, etc. Os tempos são outros, houve uma melhoria, porém não se extirpou o mal. Não foram poucos os comentaristas, narradores e repórteres que tiveram que ir aos estádios com proteção especial. Não deixa de ser uma “força do rádio” e mostra, igualmente, o passionalismo irracional de dirigentes e torcedores. Flores são o que não tivemos para caminhar no rádio esportivo e cumprir a missão de informar. Há que destacar que os clubes nem sempre destinaram lugares em ordem para os jornalistas do rádio esportivo. Viagens, noites maldormidas, expectativa pelo trabalho, para muitos não foi fácil resistir.

Apesar de tudo, valeu!

Viva o rádio esportivo, uma grande escola!



AS PRIMEIRAS CONQUISTAS DA SELEÇÃO

Depois do fracasso na Copa de 1950, o Brasil só alcançou seu sonhado primeiro título mundial na Suécia, em 1958, sob o comando do técnico Vicente Feola

(foto1), que, doente e impossibilitado de repetir seu feito, acompanhou pelo rádio o sucesso da seleção dirigida por Aymoré Moreira (foto 2), no Chile, em 1962.

Ambas as equipes foram capitaneadas, a primeira, por Bellini (foto 3, à esquerda) e a segunda, por Mauro, e tiveram como supervisor Paulo Machado de Carvalho.

Este aparece confortando um emocionado Zagalo, no fim do jogo que rendeu ao extrema-esquerda o segundo dos quatro títulos mundiais que, como jogador e,

depois, treinador, ele ainda iria acumular (foto 4). Na partida decisiva, Amarildo substituiu Pelé, que entrou em campo para festejar com o companheiro a grande conquista (foto 5).

Mas o herói da campanha foi Garrincha, homenageado na capa de Fatos & Fotos (foto 6), publicação da época de que fizeram parte todas as imagens aqui reproduzidas



Foto 3

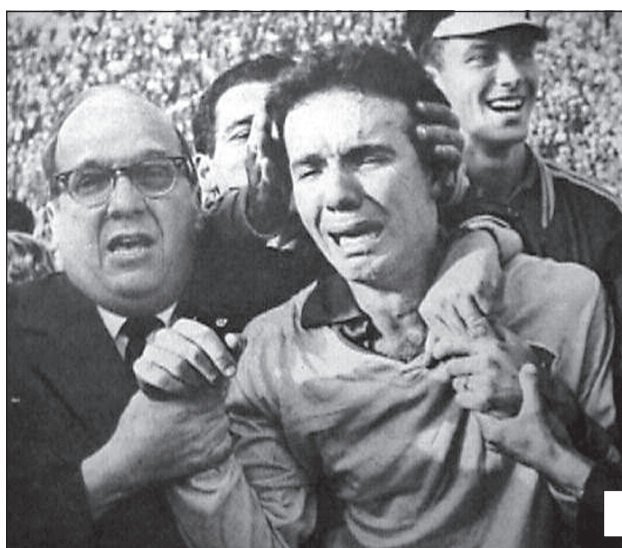


Foto 4

Foto 5



Foto 6

